



Oriente Médio

Fernando Luiz Vieira Ferreira*

RESUMO

O artigo apresenta uma apreciação sobre acontecimentos ocorridos no Oriente Médio com base em dados de julho do ano 2000, data em que foi escrito. Tratando de uma das regiões mais instáveis e explosivas do globo terrestre, algumas das informações apresentadas podem ter perdido sua validade, haja vista os atentados terroristas ocorridos em setembro de 2001 nos Estados Unidos. O artigo vale pela caracterização da área, indispensável para o atendimento das flutuações da sua conjuntura.

PALAVRAS-CHAVES

Título, Pan-Arabismo, conflitos.

Situada no globo terrestre a partir de uma ótica anglo-européia, a área denominada Oriente Médio (*Middle East*), intermediária entre o Oriente Próximo (*Near East*) e o Extremo Oriente (*Far East*) é de contornos geopolíticos cada vez mais indefinidos.

Abrange, seguramente, uma parte do nordeste da África, da Europa e da Ásia Menor e é hoje integrada pelos seguintes países e/ou regiões: Egito, Sudão, Palestina, Israel, Líbano, Jordânia, Síria, Arábia Saudita, Iêmen, Turquia, Irã, Iraque, Paquistão, Afeganistão, Kuwait (*Coveite*), Omã, Emirados Árabes Unidos (*Abu Dhabi, Dubai, Sharjah, Ajman, Ras el Khama, Umm al*

Quwain, Fujairah), Qatar, Bahrein, Dhahran, Eritrêia, Somália, o *Chifre da África* e Djibuti (Território dos *Afars* e dos *Issas*). A Ilha de Chipre, próxima à costa do Líbano, também se envolve com os problemas do Oriente Médio. Acrescentem-se, a todos acima citados, o Curdistão, disseminado étnica geograficamente por quatro países, e os armênios e anatólios, na Turquia.

As áreas marítimas adjacentes também o integram, pela faixa costeira que com elas se limita: a oeste, o Mar Mediterrâneo; ao norte, o Mar Negro e o Mar Cáspio; a oeste da Península Arábica, o Mar Vermelho; ao sul, o Golfo de Ormuz, o Mar Arábico e o Oceano Índico e, a leste, o Golfo Pérsico, hoje denominado pelos árabes de *Golfo Árabe*.

* Coronel.

Povoada por mais de 100 milhões de habitantes, a região é muitas vezes impropriamente denominada *Mundo Árabe*, devido à grande maioria de habitantes de origem árabe, exceto na Turquia e no Irã, em meio a dezenas de diferentes etnias. O *Mundo Árabe*, em verdade, transcende, de muito, os limites do Oriente Médio.

No campo religioso, embora na área a maioria, professe o islamismo¹, nem todos os árabes, nela, o são². Por outro lado, turcos e persas, embora muçulmanos, em grande maioria, não são árabes.

O PAN-ARABISMO

Dos cinco grandes movimentos geopolíticos mundiais supostos imanentes – Pan-Árabe, Pan-Germânico, Pan-Eslavo, Movimento Amarelo e Movimento Sionista – apenas o Pan-Germânico e o Amarelo não estão, por ora, diretamente envolvidos na área. Mais forte e diretamente implicados estão o Pan-Árabe e o Sionista.

A isso acrescenta-se o sonho de alguns líderes árabes, no momento Sadam Husseín à frente, de transformarem em apoio à causa o Pan-Árabe em Pan-Islâmico³, o que estenderia a busca de suporte à expansão árabe, com a influência por eles imaginada, desde a Líbia, com Muammar Kadhafi, que muito sonhou com a idéia de implantar no mundo o Pan-Islamismo apoiando ações terroristas indiscriminadas, até a Indonésia, no Ex-

tremo Oriente (hoje pós Suharto), além de todo o Oriente Médio. O líder Kadhafi, hoje em aparente evolução pacífica, acaba de propor à Organização da Unidade Africana, reunida em julho⁴ em Lomé, capital do Togo, com o comparecimento de 36 chefes de Estado, que lhe seja mudado o nome e que se reorganize de modo a adotar um espaço econômico e social semelhante ao da União Européia.

Sadam Hussein ensaiou prosseguir com o ideal de Khadafi durante a Guerra do Golfo e mantém essa obsessão, uma dentre outras de que está possuído. Acrescente-se a isso a idéia de natureza geopolítica de conquistar, progressivamente, os diversos emirados ao longo da costa do Golfo Pérsico, que se denomina também de Golfo Árabe, chegando ao controle do Estreito de Ormuz.

Malgrado o extremado nacionalismo árabe, o fator de união mais característico na área é de natureza religiosa, apesar de estar o islamismo dividido em denominações diversas, nem todas afins⁵ mas sempre de acordo quando se trata de mover uma guerra santa, *Jihad*, contra um infiel a *Allah-el-Akhbar*, o Todo-Poderoso.

A POSIÇÃO ESTRATÉGICA

Advém, basicamente, de seu imenso potencial petrolífero, ainda hoje muito expressivo, apesar de haver-se ampliado de muito a exploração submarina em diver-

¹ Muçulmanos ou maometanos.

² Melquitas, maronitas, ortodoxos gregos, armênios, católicos romanos, católicos armênios e protestantes, em geral, também habitam a região.

³ Islam significa submissão à vontade de Deus.

⁴ 10-07-2000

⁵ Sunitas, xiítas, abassitas, druzos, alavitas, omaiádes, *talebans*, ismaelitas, fatimitas, aioubitas.

sas partes do mundo. Acrescente-se a isso constituir a região um ponto nevrálgico para a comunicação marítima mundial, especialmente pela existência do Canal de Suez, por onde circula o maior volume de tráfego do Hemisfério Norte.

Do ponto de vista do transporte aéreo de massa, os meios de transporte ora existentes - e, de agora em diante, de maior capacidade de carga e autonomia de voo - sempre dependerão de aeroportos *amigos* que, naturalmente, mudam de figura qual um caleidoscópio, em função da conjuntura mundial.

De outra parte, admitida a configuração aí de um verdadeiro sub-continente, o Oriente-Médio constitui-se em alvo de atenção por qualquer potência que pretenda a hegemonia mundial.

A Rússia, com seu *pan-eslavismo* muito anterior ao surgimento da *falecida* URSS, continua atenta à importância da região - porque lhe permite a saída da esquadra para os *mares quentes* via Mar Negro e estreitos de Bósforo e Dardanelos - e joga politicamente, de modo a manter-se simpática à maioria islâmica, independentemente de sua maioria religiosa ser cristã ortodoxa. A Turquia domina os estreitos, com Istambul na parte européia e Uskudar, a *Porta da Ásia*, na asiática.

O QUADRO PSICOSSOCIAL

O quadro psicossocial é extremamente complexo, pela multivariabilidade de etnias e religiões. Sempre se caracterizou pela dicotomia marcante entre o fausto

dos mandatários⁶ e a imensa população de *fellaiin*⁷, os *felás*.

À parte de tudo isso, por toda a área circulam os beduínos, semi-nômades ora deslocando-se de colheita em colheita de trigo, mamona ou transporte de água, ora estabelecidos em suas tendas com agricultura elementar de subsistência, suas cabras e camelos. Na maior parte, eles recebem a remuneração em animais, mas muitas mulheres carregam, sobre a face ou penduradas ao pescoço, antiquíssimas moedas de ouro, como símbolo de riqueza, não negociáveis.

Com o advento do controle do Afeganistão pela milícia *integrista* Taleban, a situação da mulher agravou-se, aí, consideravelmente, confinando-a no interior de suas casas, chegando o governo a determinar a pintura dos vidros das janelas de preto para que não sejam vistas da rua pelos homens. Recentemente, após um estreito abrandamento foi-lhes permitido trabalhar, desde que não seja em presença de qualquer homem. De qualquer modo, toda infração à *Sharia*, a dura lei islâmica, é punida severamente, inclusive com a pena de morte, o que não é incomum.

Um homem poderá casar-se com mais outra mulher (até quatro), desde que a primeira revele uma das três condições: impossibilidade de ter filhos (não averiguada a causa), ser portadora de doença grave e (!) *mau hálito*. Em cada casamento, o candidato sempre paga, ao futuro sogro, um *dote*.

Como a primeira mulher, e assim as demais, sabe que será relegada a um plano inferior, sob qualquer pretexto, os filhos são criados praticamente abandonados, o que deles fará, posteriormente, em boa maioria, um combatente precário.

⁶ Xequês, sultões, príncipes, *imans*, califas, cherifes.

⁷ Agricultores miseráveis.

OS CONFLITOS

Não procuraremos aqui fazer uma descrição, mesmo sumária, de tudo que se passou no Oriente Médio desde que a História existe.

Não nos referiremos à presença de egípcios, gregos, hititas, hicsos, sumérios, babilônios, caldeus, idumeus, assírios, filisteus, cananeus, edomitas, amonitas, mamelucos, romanos, israelitas, nem mesmo, bem mais tarde, a Saladino, às Cruzadas, na retomada cristã dos Santos Lugares afinal obtida em 1270 d.C., ou à expansão do Império Otomano por toda a área, prosseguindo pelo *Maghreb* (Ocidente) ao longo do Norte da África e, finalmente, pela invasão da Europa através da Península Ibérica.

Napoleão I, bem mais tarde, tentou conquistar para a França boa parte da área, mas teve derrotada sua esquadra pelo Almirante Nelson, na batalha de Trafálgar, em Abukir, nas costas do delta do Nilo, próximo a Alexandria. Subindo ao topo da pirâmide de Quéops, em Gizé, deixando ali inscrições (verificadas pelo autor), o General Kleber teria chegado a pronunciar a frase bem conhecida até hoje: *Soldados do alto destas pirâmides quarenta séculos vos contemplam!* Mas o Egito não foi conquistado. Mais tarde Champolion decifra (1822) a pedra de Rosetta, possibilitando a interpreta-

ção e leitura dos antigos hieróglifos, a partir dos caracteres demóticos.

A região é a detentora, em todo o globo terrestre, do maior número e da maior continuidade de conflitos de toda ordem, todos eles, de natureza essencialmente geopolítica. Golpes de Estado, assassinatos, deposições de reis, massacres, inamistosas guerras entre nações até então unidas por pactos de união ou de não agressão, tudo ocorreu no Oriente Médio com maior frequência, violência e incoerência do que em qualquer outra parte do mundo, mesmo o Extremo Oriente. E continua a correr.

Muitos problemas têm surgido no seio do próprio Islamismo. Em 1980, Sadam Hussein, com o apoio da Jordânia, proclamava o Irã

como *Satã, contra o Arcanjo de Deus*, por seu extremismo integrista (xiíta). Mais tarde, o Rei Fahd, da Arábia Saudita, estabelecia que *o Irã constitui uma ameaça para os países árabes e até mesmo para a religião muçulmana*, acusando o país de estar *produzindo armas químicas sofisticadas*, fato confirmado pelo Primeiro-Ministro do Irã, Hussein Mussavi.

Recentemente, as atenções têm sido principalmente voltadas para o conflito árabe-israelense, embora persistam os eternos contenciosos entre a Índia e o Paquistão, o Afeganistão e o Irã, e entre este país e o Iraque.

A região é a detentora, em todo o globo terrestre, do maior número e da maior continuidade de conflitos de toda ordem, todos eles, de natureza essencialmente geopolítica. Golpes de Estado, assassinatos, deposições de reis, massacres, inamistosas guerras entre nações tudo ocorreu no Oriente Médio com maior frequência, violência e incoerência do que em qualquer outra parte do mundo, mesmo o Extremo Oriente.

Desde a Resolução da ONU que criou o Estado de Israel, e as de nº 242 e 338 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que restabeleceram a partilha definitiva das terras entre árabes e israelenses, com a recomposição total da fronteira de 1967, anterior à *Guerra dos Seis Dias* (por si, injusta, já que desde 1948 isso havia sido definido) terras palestinas foram sucessiva e sumariamente expropriadas pelos israelenses com o pretexto inicial da *lei do abandono*⁸ e sob o argumento de *segurança nacional*, sem qualquer intenção leal, até hoje, de devolução, assunto a ser abordado adiante.

De outra parte, Sadam Hussein, no Iraque, com sua idéia fixa de *Pan-islamismo* em lugar do multissecular *Pan-arabismo*, continua a constituir problema grave, embora aparentemente inativo no momento. Na verdade prossegue em seu objetivo estratégico geopolítico de conquistar, no mínimo, os diversos emirados ao longo da costa saudita do Golfo Árabe, fechando o Estreito de Ormuz.

O CANAL DE SUEZ

Com a abertura do Canal de Suez, em 1869, por Ferdinand de Lesseps, acrescentou-se, ao petróleo, a importância do encurtamento de rotas marítimas que, até então, contornavam o Sul da África.

Esse verdadeiro achado, de forte atração geopolítica, levou a Inglaterra, preocupada com a expansão russa para o Sudoeste, a conseguir momentaneamente

deter-lhes a expansão, por ocasião da guerra turco-russa, 1877.

Com a aquisição da maioria das ações da Companhia do Canal, a *Suez Canal Authority*, pela Grã-Bretanha, passou a área ao domínio britânico. Esse domínio se estenderia mesmo após a Primeira Guerra Mundial, sendo agravado bem mais tarde (1956) com a nacionalização egípcia da companhia por Gamal Abdel Nasser (Guerra de Suez).

Descoberto o petróleo comercialmente válido na Pérsia, atual Irã, no início do Século XX, tudo continuou agitado no Oriente Médio⁹ e viria a agravar-se de outra parte, politicamente, com a Declaração de Balfour¹⁰, em 2 de novembro de 1917, que, em troca do então necessário financiamento da guerra pelos Rotschild, prometia aos israelitas em diáspora o retorno definitivo à Palestina.

Ao mesmo tempo Lord Allenby, no Cairo, preocupado com o Canal de Suez, assegurava, em nome da Inglaterra, apoio às forças árabes, visando à repulsão dos turcos otomanos, já na Palestina, atingindo Gaza e buscando junção em Ácaba, apoiados pela Alemanha que não só procurava o domínio do petróleo na região como visava a alcançar o Canal de Suez.

Organizada uma brigada multinacional, com expressiva participação de israelitas e árabes, Allenby atacou os turcos otomanos, cercou-os em Ácaba, expulsou-os de Gaza, que teria antes sido encontrada abandonada, segundo relato lendário

⁸ Expulsos de suas terras, tinham prazo de 30 dias para voltar, sob pena de terem declaradas as terras *abandonadas*.

⁹ A região possui cerca de 65% das reservas conhecidas do petróleo mundial.

¹⁰ De Lord Arthur Balfour, ministro britânico das Relações Exteriores.

do Tenente inglês Lawrence, e reconquistou Jerusalém, ocupada desde 1517.

O FIM DA PRIMEIRA GRANDE GUERRA

Com o fim da Primeira Grande, termina tudo para o Oriente Médio, com a área partilhada entre as influências britânica, a mais forte, e francesa. A Rússia, que antes procurava exercer sua influência na área desapareceu provisoriamente do mapa após a revolução comunista de 1917, para voltar a atuar a partir de 1922.

Com o acordo Sykes-Picot, em 16 de maio de 1916 – bem antes do fim da guerra – e o posterior beneplácito da Liga das Nações, assegurou-se o mandato britânico sobre os atuais Iraque, Palestina, Jordânia e Kuwait. No Egito, a influência inglesa já existia com um protetorado que se manteve, extensivo ao Sudão, até 1922, chegando as partes ao *Tratado de Aliança* de 1936, afastada a Grã-Bretanha do antigo *Sudão Anglo-Egípcio*. À França foram, pelo acordo, atribuídos a Síria e o Líbano.

Implantada no Egito pelo Rei Saíd, ao qual sucederam o Rei Fouad e o Rei Farouk, foi a monarquia egípcia abolida em 1952 (23 de julho), assumindo o governo o General Naguib, deposto em 1954 por Nasser, seu antigo subordinado, como instrutor na Escola de Estado-Maior Egípcia.

A Arábia (*Hedjaz*), sob a chefia do xeque vaabita Ibn Saud, expulsou sozinha os turcos, instituindo-se, a partir daí, a dinastia saudita, reinante até hoje, com mais de 20.000 integrantes da família real. A Grã Bretanha, porém, apossou-se de

Aden, no Iêmen do Sul, hoje livre e integrando, com o Iêmen do Norte, antes pro-URSS, o Iêmen.

Essa dinastia saudita iria chocar-se frontalmente com a dinastia hachemita, à qual foram entregues, o Iraque e a Jordânia, pelo Príncipe Hussein; e inúmeros conflitos daí surgiram com os pequenos califados da área ao longo da costa saudita.

Derrotada, a Turquia (aliada da Alemanha) foi ocidentalizada pelo Coronel Mustafá Kemal Atatürk (*Pai dos Turcos*), adotados os caracteres ocidentais, liberadas as mulheres do uso do *chador*, eliminados os pretextos para vários casamentos, afastada a secessão Armênia, e reintegrado seu território. Restou, até hoje, o problema dos curdos, afetando também o Irã, o Iraque e, com pequena expressão, a Síria. Desde 1945 tentavam reconstituir o antigo Curdistão como *República Popular Curda*, afinal nunca alcançada.

O período entre as duas grandes guerras foi de tensão mas de relativa calma. Hitler, no entanto, buscava de todas as formas penetrar na área. Tentou obter a adesão do Presidente Inonu (Turquia), sem que a Alemanha, como na Primeira Grande Guerra, o conseguisse. Enviou para o Norte da África o *África Korps*, sob o comando posterior de Rommel, derrotado porém, a pouco mais de 120 quilômetros de Alexandria, pelo Marechal inglês Montgomery na batalha final de El Alamein. A França, que ainda mantinha tropas no Líbano e na Síria até 1940, com a derrota face à Alemanha, foi obrigada a retirar-se, cessando sua influência direta na área. Permaneceu, no entanto, a língua francesa usada ainda hoje pelas elites nesses dois países, especialmente no Líbano.

O FIM DA SEGUNDA GRANDE GUERRA

Terminada a Segunda Guerra Mundial declinou o domínio britânico na região, também cessando sua influência direta. Mas, até certo ponto, continuou atuando na Jordânia e, até a queda da monarquia, no Iraque.

Cresceu rapidamente, a partir daí, a influência dos Estados Unidos, mas a fonte principal de conflitos, o petróleo, além das divergências árabes históricas, passa a ser praticamente superada por outra, de importância definitiva face à instabilidade da área, qual fosse a criação do Estado de Israel, em 1948, ocupando áreas da Palestina, com o que ambas as partes em jogo, árabes e israelitas nunca se conformaram.

O fim da Segunda Guerra Mundial é ainda fortemente marcado *pela criação da Liga Árabe*¹¹, em 1945, com forte apoio filosófico religioso da Universidade Islâmica Sunita de El Azhar, no Cairo.

Preocupados com a expansão soviética sobre o Oriente Médio, os países ocidentais, liderados pela Inglaterra, organizaram-se, em 1952, em uma aliança militar com outros países incluindo, além da Grã-Bretanha, a Turquia, o Iraque, o Irã e o Paquistão, denominada *Pacto de Bagdá*.

Como a Liga Árabe e Naguib se houvessem colocado contra o Pacto, muitos países árabes não aderiram. Quando iria sair do Palácio Real para uma reunião do Pacto na Turquia, o Rei Faissal II, foi as-

sassinado por extremistas árabes do Iraque. Com isso o Iraque retirou-se do Pacto.

A partir da Liga Árabe, revigorou-se o movimento Pan-Árabe, reorganizando-se e influenciando decisivamente nos movimentos de independência do Marrocos, da Tunísia e da Argélia e declarando a *Jihad* Guerra Santa contra o novo Estado de Israel, sob pressão contínua e mais extremada dos xiitas, em especial.

O EGITO

Deposto o General Naguib em 1954, Gamal Abdel Nasser passou a buscar, com extrema dedicação e inteligência, a hegemonia egípcia sobre o Mundo Árabe, trazendo para si antigos companheiros, ex-instrutores da Escola de Estado-Maior, como o General Abdul Hakim Amer, para Ministro-chefe do EMFA, os irmãos Zhaled Moyheddin, pró-RUSS, e Zacharia Moyheddin, pró-EUA, El Sayed Hassanem Heikal, para dirigir o Jornal *El Ahram* e servir-lhe de *interlocutor*, e o Coronel Anwar El Sadat, para líder e porta-voz da Assembléia Nacional, depois seu sucessor. Com o insucesso da Guerra dos Seis Dias, Abdul Hakim Amer, doente, teria mais tarde suicidado.

Já Presidente, Sadat havia-se livrado dos russos em 1972, procurando a paz com Israel e aproximando-se dos EUA. Com isso sentiu-se encorajado a celebrar um acordo de paz com Israel,¹² apoiado pelo presidente Carter, mas fora do contexto da ONU. Esse acordo, porém, nada estabeleceu sobre o problema crítico de Jerusalém nem tratou da retirada da tropa israelense da Cisjordânia e da Faixa de Gaza.

Com a Guerra do *Yom Kippur*¹³ procurou Sadat restaurar o orgulho nacional,

¹¹ Hoje Liga dos Estados Árabes, L.E.A.

¹² Acordo de Camp David

¹³ Dia do Perdão, para os israelitas

ferido desde e a *Guerra dos Seis Dias*, o que, afinal, até certo ponto obteve. A condução da guerra, desencadeada no Sinai em 6 de outubro de 1973, foi entregue ao General Shazli, líder da Frente de Libertação do Egito Árabe e que mais tarde, veio a assumir um atentado contra Sadat, assassinado no Cairo por tropa em desfile durante uma parada militar, em 6 de outubro de 1981. A Líbia e os palestinos festejaram esse ato como o fim de um traidor e vendido aos EUA. Sucedeu o Hosni Mubarak, também ferido no atentado, procurando manter a política internacional de Sadat e firmando-se no poder até hoje.

Nasser havia declarado constituir o *Pacto de Bagdá*, um estratagema britânico para tentar conter o nacionalismo árabe e manter, com a divisão do mundo árabe, seu domínio sobre o petróleo, agindo a partir desse princípio.

Jogando com os EUA e a então a URSS, Nasser elaborara uma união com a Síria, a que denominou *República Árabe Unida - RAU, Ghumuría Arábia Mutá-hida*, mais tarde dissolvida, buscando apoio para a construção da Alta Barragem de Assuã, na 5ª Catarata do Rio Nilo. Finalmente, obtido esse apoio da URSS, levou a nova crise na Região¹⁴ com a Inglaterra, a França e os EUA, buscando Nasser apoio também na Iugoslávia de Tito e na Índia (operacionalmente ineficaz) e naci-

onalizando o controle do Canal de Suez com a Companhia do Canal.

O sonho de uma Grande Grande República Árabe, não exatamente islâmica, mas com predomínio absoluto do Islamismo, reunindo o que for possível do Mundo Árabe, permanece, arrefecendo-se quando vizinhos entram em conflito.

ISRAEL

Os israelitas julgam-se detentores da terra desde quando, há 4 mil anos, Abraão ali chegou

saído de Ur¹⁵, mas, com a descontinuidade de ocupação, foram as terras sendo cultivadas pelos cananeus e, depois, pelos árabes, que aí instalaram suas famílias e desenvolveram meios de sobrevivência. A população israelita chegou a atingir 50 mil habitantes esparsos em 1914, mas, com o domínio da área pelos turcos islâmicos, ela esvaziou-se, com a maioria *sabra* de origem *esquenazi* voltando à Europa.

Embora a Declaração Balfour, concretizando o sonho de Theodor Herzl, tenha doado aos israelitas seu *lar nacional* na Palestina, com a condição expressa de que *ficasse doravante entendido que nenhum prejuízo fosse causado aos direitos civis e religiosos das comunidades não-judáicas então existentes* e que vivessem em paz, a Inglaterra, desde 24 de abril de 1920, fim da guerra mandatária na região, passou esta a conviver com atentados de toda ordem entre as duas guerras mundiais, causados pelo inconformismo geral. Apoiada na experiência do General britânico

¹⁴ Guerra de Suez, 1956

¹⁵ Atual Bassorra

Sir John Glubb, o *Glubb Paxá*, como Comandante da Legião Árabe, procurou manter a ordem na área. Não obstante, com o nacionalismo árabe exacerbado, a partir da guerra de 1948 e a sucessão de atentados, acabou sendo rejeitado, resultando a eclosão da *Guerra de Suez*, em 1956, quando a presença britânica no Oriente Médio começa a decair.

Com a necessidade estabelecida pela Inglaterra de imporem-se restrições à imigração maciça de israelitas após 1945¹⁶, gerou-se novo quadro de revoltas e atentados que levaram à criação definitiva de Israel, em 14 de maio de 1948, com capital em Tel-Aviv e sede administrativa em Jerusalém, ignorada a necessidade Palestina de ter sua capital, já então situada na *Jerusalém Leste*. Tentativas de internacionalização da cidade foram repelidas, tanto por árabes como por israelenses, sagrada que é para cristãos, muçulmanos e israelitas. O conde sueco Folke Bernadotte, mediador da ONU, foi assassinado, em 17 de setembro, por terroristas do Grupo *Stern*, dissidência do Grupo *Irgun*, então dirigido por Menachem Begin. Quando viajava para Jerusalém, teve seu carro metralhado.

Os principais portos de Israel são Haifa, Jafa e Ashdod, no Mediterrâneo, e Ácaba-Eilat (*Ezion-Geber*) no Golfo de Ácaba.

Israel vinha buscando apoio na área muçulmana, especialmente, na Jordânia, Egito e Turquia. No entanto, recente tratado de cooperação militar turco-israelense, firmado há três anos, tem causado sério mal-estar na comunidade islâmica. Binyamin

Netanyahu, *Bibi*, então Primeiro Ministro de Israel, alegando estarem Israel e Turquia cercados de estados radicais, vinha procurando estabelecer o que denominava de *sistema de segurança regional*, preocupado também com a inconformidade palestina e síria diante da ocupação *de fato* de suas terras exercida por Israel. Tanto Yasser Arafat, pela Palestina e, até então, Hafez Assad, pela Síria¹⁷, sempre pugnam pela devolução de suas terras¹⁸, indevidamente ocupadas por Israel durante a Guerra dos Seis Dias e até hoje mantidas sob esse domínio.

Um documentário de televisão em uma série denominada *Tkuma*, que significa *Renascimento*, produzido em abril de 1998 em comemoração ao 50º aniversário de Israel, levantou questões nunca difundidas, embora conhecidas, relativas a fatos ocorridos desde 1936 e que se desenvolveram até 1995, quando foi assassinado, por um extremista de direita, o Primeiro-Ministro Yitzak Rabin. De início ele desmente a versão de Israel de que os judeus que chegaram à Palestina durante o mandato britânico seriam *um povo sem terra* que teria vindo a ocupar uma *terra não habitada*.

Na realidade, já aí viviam centenas de milhares de palestinos árabes em coexistência pacífica com israelitas. Durante os combates de 1948, porém, foram forçados a fugir para acampamentos em países vizinhos, especialmente na Faixa de Gaza, onde a maioria ainda vive. Os que tentaram permanecer, mais de um milhão, so-

¹⁶ Retidos provisoriamente em Chipre, sob domínio inglês.

¹⁷ Recentemente falecido, foi substituído por seu filho, Bashard Assad, que assumiu a liderança do Partido Bath.

¹⁸ Na Síria as colinas de Golan.

freram humilhações indescritíveis usando métodos aprendidos com os sofrimentos infligidos pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Outros foram massacrados em Deir Iassin, arrasada, e Kfar Kassem, aí metralhados pela polícia israelense, sob a alegação de não haverem obedecido ao *toque de recolher*. Os que tentavam cantar o Hino Nacional Palestino *Minha Pátria*, em árabe *Biladi Biladi*, eram pesadamente insultados. Apesar da violenta reação de muitos israelenses, inclusive exigindo aos produtores que a divulgação da série no exterior fosse proibida, o professor Ilan Pappé, da Universidade de Haifa julgou extremamente importante essa espécie de auto-análise crítica.

Eleito Primeiro Ministro o *General mais condecorado da História de Israel*, Ehud Barak, do Partido Trabalhista, pouco depois de empossado fez uma declaração (julho de 1999) que, de algum modo, revelou certo condicionamento para futuras negociações com os palestinos: *Quero, em primeiro lugar, retomar a relação de confiança e um certo nível de intimidade entre os Estados Unidos e Israel*. De outra parte, fixou, na parede de seu gabinete uma foto de seu mentor, Yitzak Rabin, assassinado quando Primeiro-Ministro. A 15 de julho de 1999, era recebido por Clinton dizendo-lhe *venho aqui como um mensageiro do povo de Israel que pediu mudança e reconciliação*, e afirmando-lhe que cumpriria todos os acordos firmados por Israel, inclusive o primeiro, de *Wye Plantation*, firmado em 1998.

Com isso, e visando a buscar um entendimento com a OLP que pelo menos satisfizesse a opinião pública mundial, passou a contar com séria oposição do

Partido Likud e de extremistas religiosos israelitas, antes integrando uma coalizão governamental em apoio a Barak, onde se destacam o ultra-ortodoxo *Shas*, o Partido Nacional Religioso e o *Yisrael Ba Allya*. A intenção (limitada) de buscar a paz com os palestinos quase destituiu Barak do poder, mas o Primeiro Ministro manteve-se de pé, com apoio, aliás, de deputados árabe-israelenses e do partido *Meretz*, esquerdista, o que era necessário para atender ao apelo de Clinton para mais uma tentativa de acordo entre Israel e a Autoridade Palestina, *Palestine Authority*, em julho de 2000.

O LÍBANO

Atribuído pela Liga das Nações como mandato à França, em 1920, teve seu território liberado da ocupação francesa e, finalmente, sua independência. Com um pequeno território (10.452 km²), acolheu amistosamente palestinos em diáspora (o que lhe iria causar problemas logo adiante) atingindo uma densidade populacional de 370 habitantes por km², superior à de 290 habitantes palestinos na Faixa de Gaza.

Isso levou a que, em 1958, sob influência de Nasser e da Síria e exaltação muçulmana favorável à RAU, se levantasse armada a comunidade islâmica contra o Presidente cristão maronita Camille Chamoun. O Exército, chefiado por um muçulmano, ficou neutro. Com o golpe do Iraque (queda da monarquia) em 14 de julho, o Presidente pediu a intervenção norte-americana, que desembarcou 15 mil soldados no Líbano, retirados em 21 de agosto.

O maior problema foi que, na época, com população acentuadamente católica

maronita, o Líbano sofreu, a seguir, uma progressiva *invasão* muçulmana, com os refugiados¹⁹ apoiados por todo o mundo Árabe, o que resultou na constituição de um novo Estado dentro do Estado, chegando os palestinos a adotar Beirute Oeste, *de fato* como sua capital diplomática, em 1968.

Para evitar maiores atritos o Presidente libanês (cristão), forçado pelo seu Primeiro Ministro (muçulmano), chegou a assinar um acordo, em 1969, com a Organização para a Libertação da Palestina, OLP, outorgando-lhe a gestão dos negócios palestinos no Líbano, o que na verdade não evitou a continuação dos embates.

Reconhecida a OLP, em 1974, pela ONU, como legítima representante do povo palestino²⁰, o volume de atritos aumentou, resultando em guerra civil (13 de abril de 1975).

Embora merecendo apoio pelas agressões sofridas por Israel, espalharam os palestinos o terror entre os libaneses, destacando-se o massacre de Damur (1976), cidade de 40 mil habitantes, todos dizimados com suas igrejas queimadas e toda a cidade incendiada. Os libaneses responderam, apoiados pelo israelense Ariel Sharon, com os massacres de palestinos nos campos de Sabra e Chatilla, em 1982.

Ocupado o país por 40 mil militares sírios de uma *Força de Paz*²¹, perdeu o Líbano muito de sua prosperidade e soberania, sucedendo-se toda sorte de combates, atentados, assassinatos, sendo Bei-

rute, a *Paris do Oriente Médio*, dividida em dois setores estritos, cristão e muçulmano, hoje com alguns milhares de cristãos libaneses maronitas espalhados pelo mundo, inclusive no Brasil e no Canadá, para onde, desde há muito tempo, se haviam deslocado em busca de paz.

A milícia libanesa *Amal*, de extremistas xiitas, chegou ao ponto de cercar o campo palestino durante 3 anos (1985-88), causando 2.500 mortes e aumentando a diáspora, provocada pela *Guerra dos Campos*. Porém, com a revolta dos palestinos na Cisjordânia e em Gaza, a *Intifada*, o líder xiita libanês achou que deviam lutar juntos, palestinos e xiitas.

Hoje, para sobreviver como nação independente, aproxima-se o Líbano, a contragosto, da Síria, cujo Presidente, Bashard Assad, apoiou, em recentes eleições libanesas, o candidato a Primeiro-Ministro, General Emile Lahoud, cristão maronita que, eleito, lá mantém sua Força de Paz, na verdade um exército de ocupação.

HOSTILIDADES ÍNDIA / PAQUISTÃO

Arrastam-se há mais de 40 anos. A Índia alega ter fronteiras internacionais bem definidas, o que é contestado pelo Paquistão. Liberada pela Grã-Bretanha, a Índia adquiriu total emancipação, em 15 de agosto de 1947, sendo criado o novo estado do Paquistão (ocidental) em 1956, proclamado *República Islâmica*, em contraposição ao hinduísmo, religião majoritária na Índia.

¹⁹ 400 mil.

²⁰ O que parece correto.

²¹ A Síria sempre sonhou em enxar o Líbano, para a construção da *Grande Síria*.

O PROBLEMA DA CACHEMIRA

Sob a supremacia britânica desde 1846, o antigo Estado da Cachemira e Jammu tornou-se sério fator de discórdia entre o Paquistão e a Índia. Embora fisiograficamente abrangendo a Bacia do Rio Indo (Paquistão), foi invadida por tropas indianas, em 1947.

Cessado o fogo com intervenção da ONU, e abolida, depois de longos esforços, a monarquia indiana que dominava o Paquistão, obteve-se uma linha de demarcação provisória, em 1958, cedendo, uma parte à outra, certos distritos de fronteira, eleito o filho do antigo marajá indiano, de religião hindu, para regente da Cachemira, apesar da maioria muçulmana na região.

As relações, nunca estabilizadas e com freqüentes violações do território indiano, foram agravadas, em 1965, com o apoio da China Continental que estimulou novas agressões. A facção muçulmana *Lashkar-i-Taiba*, por seu líder, Hafiz Mohammad Said, bem apoiada, continuou a luta contra a Índia, intensificando suas ações nos vales da Cachemira Indiana até 1999. Embora pedida a cessação de operações pelo próprio governo paquistanês, em busca de uma solução final de paz com a Índia, pelo menos nas fronteiras norte-sul, trecho em Sind-Kutch, o Paquistão continuou inconformado com a solução dada ao norte, nas cabeceiras do Rio Indo.

Oficiais brasileiros lá estiveram, como também na Cachemira, como observadores das Nações Unidas, sob precárias condições de instalação e apoio. Os conflitos de interesse permanecem, com a Cachemira continuamente em jogo, chegando, há pouco tempo, a Índia e o Paquistão a de-

tonarem, *experimentalmente*, armas nucleares como expressão recíproca de poder.

IRÃ-IRAQUE – A GUERRA DO GOLFO

O Iraque é o menos árabe dos países árabes, onde ainda se falam o assírio, o caldeu, o persa e o aramaico, este usado por *cristãos nestorianos*. Instituído após a Primeira Guerra Mundial como mandato britânico, foi governado pelo Rei Faissal II, da dinastia hachemita.

Deposto e assassinado em 14 de julho de 1958 por um golpe dirigido pelo General Abdel Karim Kassem e pelo então criado Comando do Conselho Revolucionário (CCC), foi sucedido pelo General Abdel-Salam, morto em desastre de helicóptero. Assumiu o governo, em 17 de abril de 1966, seu irmão, Abdul Rahman Aref, afinal derrubado pelo golpe de 1968, do mesmo CCC, sob influência do Partido Baath. Assumiu o General Ahmed Hassan Al-Baker, primo do já Secretário Geral do Partido, Sadam Hussein, e seu maior inspirador político.

A Jordânia havia sonhado constituir, à base da dinastia hachemita, o que denominara *a Grande Síria*, nela incluídos o Iraque, a Síria e o Líbano, tudo sob regime monárquico. O sonho caiu por terra, no entanto, com o assassinato do Rei Abdala, da Jordânia, em 1951, por árabes contrários ao futuro pacto, ao sair com seu neto da mesquita de El Alksa, em Jerusalém. Sete anos mais tarde seria a vez de Faissal II, assassinado em 1958.

Em 1979 Sadam forçou o primo a renunciar *pacificamente*, após novo golpe de Estado, e fez-se Presidente do Iraque, passando a eliminar cruelmente todos

que lhe eram contrários, muito especialmente os curdos.

Um ano após, como, no vizinho Irã, o mandante supremo após a deposição do xá Reza Pahleyi, Aiatollah Khomeini²², viesse incitando os xiitas do Iraque a sublevarem-se contra seu governo, Sadam atravessou a fronteira, em 22 de setembro de 1980, para o que seria uma longa guerra de desgaste (oito anos). Depois de milhares de mortes, o exército iraquiano não passou da Mesopotâmia, especialmente ao sul, na Região de Chatt-el Arab, afinal recuando diante do contra-ataque iraniano.

Na realidade, além de procurar tomar a província iraniana do Arabistão, ou Kuzestão, rica em petróleo, pretendia Sadam controlar a margem oriental do Chatt el Arab, ocupar ilhas do Estreito de Ormuz e, posteriormente, estender-se pelo Kuwait e a costa Oriental da Península Arábica, do que, apesar do insucesso final, ainda não desistiu.

Terminada a guerra, passou Sadam a cultivar antigo pretexto de ampliar sua faixa costeira, muito estreita, anexando o Kuwait e buscando concretizar, pela força, o seu sonho de pan-arabismo, extensivo, quando for possível, a um pan-islamismo total. No Irã, após a morte de Khomeiny, foi eleito Presidente o moderado Hashemi Rafsanjani, o que veio a estabilizar, ao me-

nos provisoriamente, a pendência Irã-Iraque e a possibilitar a recuperação de fôlego ao Iraque para atacar o Kuwait.

Embora continuando o regime vigente no Irã, foi Rafsanjani substituído na presidência por outro líder religioso, Mohammed Khatami, que assumiu com o firme objetivo de promover alguma abertura²³, condenando os que não aceitam o progresso. Em apoio aos estudantes da Universidade de Teerã, invadida por tropas fiéis ao líder supremo da Revolução Islâmica, o Aiatolá Ali Khomeini pronunciou-se *contra os*

...além de procurar tomar a província iraniana do Arabistão, ou Kuzestão, rica em petróleo, pretendia Sadam controlar a margem oriental do Chatt el Arab, ocupar ilhas do Estreito de Ormuz e, posteriormente, estender-se pelo Kuwait e a costa oriental da Península Arábica, do que, apesar do insucesso final, ainda não desistiu.

que querem humilhar a Universidade, provocando grandes distúrbios. Os estudantes, em apoio a Khatami, por vários dias ocuparam as ruas aos gritos de morra Khomeini e distribuindo fotos do reformista. Sob o argumento de que a reforma desafiava o princípio do velayat-e-faquihi, eixo da revolução, sob a suprema liderança de Khomeini, muitos estudantes foram espancados, algemados e finalmente desparecidos, o que é comum no Oriente Médio. Ao ser preso o cidadão, sua família dele se despede definitivamente.

A ANEXAÇÃO DO KUWAIT

A Arábia Saudita, o Kuwait e os Emirados Árabes Unidos haviam dado, ao

²² O Filho Deus, em linguagem farsi.

²³ Sem que fosse abolido o regime clerical a que todos estão submetidos no Irã.

Iraque, 30 bilhões de dólares durante a guerra contra o Irã, temendo uma expansão do fundamentalismo xiíta. Por sua vez, o Irã se havia fortalecido com armamento brasileiro, soviético, francês, e dinheiro dos EUA.

Terminada a guerra, em 1988, voltou o Iraque, mais fortalecido em armamento, a atacar com grande concentração de mísseis soviéticos o Kuwait, e com os mesmos motivos imediatos que haviam levado Sadam a invadir o Irã: petróleo e mais amplo acesso ao mar, acrescido de não desejar fazer o pagamento de uma dívida de 30 bilhões de dólares contraída com o Kuwait, Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos para a guerra contra o Irã.

A ONU interveio imediatamente determinando, por unanimidade e mais uma vez, que o Iraque recuasse suas tropas para a posição em que estavam no dia 1º de agosto de 1990, véspera da invasão, o que não foi atendido.

Disso resultou uma ação militar de grande envergadura, em setembro de 1990, com o apoio maciço dos EUA e da Arábia Saudita, não só fazendo o Iraque recuar para seu território como impondo-lhe a ONU pesadas sanções, inclusive a criação de *zonas de exclusão*, ao norte e ao sul, para movimento militar de qualquer natureza, especialmente aéreo. Egito e Marrocos também prestaram apoio à ação da ONU.

Além disso, a ONU destacou uma comissão de observadores para inspecionar as instalações onde haviam indícios, levantados pelos serviços de informações, de fabricação de armas químicas e nucleares²⁴. No entanto enfrentaram grandes di-

ficuldades, opostas por Sadam, para o cumprimento de sua missão.

HOSTILIDADES IRÃ-AFEGANISTÃO

Obsessão permanente de certas áreas do islamismo, o problema do extremismo fundamentalista leva, a cada momento, a choques de alguma intensidade. No Afeganistão, embora sunita e supostamente mais moderado que os xiítas, o ultra-integrista grupo Taleban há muito já reunia adeptos.

Quando a então URSS invadiu o Afeganistão e nele implantou um Presidente comunista, os EUA buscaram proporcionar apoio a quem lhes pudesse fazer frente. Por isso o governo norte-americano ligou-se àquela milícia que progressivamente foi conquistando espaço territorial, confinando os russos nos arredores das cidades. Com a retirada soviética, passou a controlar, hoje, 90% do território afegão, confinando as milícias guerrilheiras anti-extremistas que lhes fazem oposição em uma área restrita, ao norte do Afeganistão.

Declarando-se o verdadeiro governo legal do país, essas milícias, chefiadas pelo líder Ahmed Shah Massude, agrupadas numa coalizão militar, embora sem expressão territorial, confinadas a cerca de 20% da área total do país, estão dotadas de armamento de fabricação russa, inclusive mísseis, e são vistas com bons olhos pelo vizinho Irã, xiíta, embora sejam, na realidade, sunitas.

Ao mesmo tempo em que o Taleban enfrenta essa oposição guerrilheira, vêm-se deteriorando as suas relações com o Irã²⁵. O Governo do Irã, xiíta como os 300 mil

²⁴ Palácios de Sadam.

²⁵ Na ONU, o Afeganistão não é representado pelos Talebans, que anseiam por isso.

habitantes do Norte do Afeganistão ainda não atingidos pelo Taleban, acusou a este do assassinato de oito diplomatas e um jornalista iranianos durante uma ofensiva sofrida pela milícia xiíta em agosto de 1998. O Taleban alegou que apenas uns *renegados* fizeram isso, mas o Irã não aceitou esse argumento. A acusação de complicitar com esse *crime de guerra* estendeu-se também ao Paquistão, que prometera ao Irã proteger os xiítas.

Outras agressões a iranianos, como o aprisionamento, pelo Taleban, de espíões que teriam atravessado a fronteira, acirraram os ânimos, a ponto de o Presidente do Irã, Mohammad Khatemi, moderado (diferente de Khomeiny), apelar para a comunidade internacional a fim de intensificar a pressão sobre o Taleban, acusando-o de promover uma *limpeza étnica* contra os xiítas.

A pressão da parte mais extremista de seu governo, porém, levou o Irã a concentrar 270 mil homens, aí incluídos 70 mil da Guarda Revolucionária, na fronteira, para *exercícios militares*. Permanece a tensão.

EVOLUÇÃO DO PROBLEMA PALESTINO

Terra de migração constante desde 3.500 a.C. a Palestina, considerada *o coração do mundo árabe*, abrigou o primeiro Estado organizado de sua história, o *Estado dos Kanaãos*, os cananeus.

Ao sul habitavam os filisteus, na *Falastínia*, de onde se originou o nome

Palestina. Mais ao sul, o deserto, futuro *deserto da Judéia*.

Somente em 1.200 a.C. os hebreus, atravessando o Jordão vindos do Sinai, ocuparam Jericó dizimando os cananeus e tomando posse de parte da Palestina e da atual Jordânia.

Em 923 a.C. o reino hebreu dividiu-se em dois: o Reino de Israel, ao norte, destruído pelos assírios, em 713 a.C. e o da Judéia, ao sul, destruído, em 586 a.C. pelos babilônios.

Somente em 27 de agosto de 1897, Theodor

Herz, veio a realizar o primeiro encontro sionista na Basileia, Suíça, fixando então os quatro objetivos do movimento sionista, onde se incluía a obtenção de um *Lar Nacional Judeu* na Palestina.

Sob o mandato britânico, os palestinos se revoltaram várias vezes, notadamente em 1929, 1936 e 1939. Balfour *dividiu* uma terra que não lhe pertencia.

Malgrado a preocupação da Grã-Bretanha com a emigração de israelitas de diversas partes do mundo para a Palestina, a percentagem de habitantes israelitas na área evoluiu de 8% em 1918, ocupando 2,5% das terras, para 33% em 1948, trinta anos depois, ocupando 5,5% das terras.

O primeiro *kibutz* israelita havia sido estabelecido na Palestina em 1915. Ali nasceu Moshe Dayan, que viria a ser o grande comandante *sabra*²⁶ da Guerra dos Seis Dias. De início, pertencendo ao Partido Trabalhista, foi convidado por Menachem Begin para integrar o Partido Likud, de direita e extremado. Ele pretendia realmente a paz com os árabes, e arquitetou o

²⁶ Porque nascido na região.

primeiro encontro de Camp David, mas Begin queria manter definitivamente a posse para Israel da margem ocidental do Jordão e a Faixa de Gaza.

Após 1948, já criado o Estado de Israel, o índice de ocupação atingiu progressivamente 78% do território Palestino, com a expulsão dos árabes, mediante a aplicação da *Lei do Abandono*. O restante caiu com a guerra de 1967, não obtida a devolução de suas terras. O mesmo ocorreu com a Síria.

De um modo geral, a região viveu em relativa paz até o célebre *Massacre de Deir Yassim*²⁷, aldeia árabe em posição estratégica, onde foram cruelmente exterminados seres humanos não combatentes, inclusive todas as mulheres e crianças, e arrasadas todas as habitações, pela organização clandestina judaica, *Irgun Zvai Leumi*²⁸. Ben Gurion comentou o ocorrido como *uma brutal matança, indigna dos judeus*. Houve outros massacres como os de Kafur e de Kassem.

A partir daí, iniciou-se o ódio árabe, com a grande diáspora de mais de 700 mil palestinos para nunca mais retornarem, espalhados por inúmeros países, onde ainda vivem. Outros 600 mil seriam espalhados após a Guerra dos Seis Dias, não obtida a devolução de suas terras.

Observe-se que, antes do término do mandato britânico, fixado em 15 de maio de 1948, a Assembléia Geral das Nações Unidas a 29 de novembro de 1947 já havia efetuado a partilha da área, determinando nitidamente o que caberia ao Estado de Israel e ao Estado da Palestina. A resolução decorreu de votação: 33 votos a favor, 13 contra, e 10 abstenções. Embora o brasileiro Oswaldo Aranha nessa data presidisse a Assembléia Geral, não lhe coube qualquer voto de *Minerva*, como tem sido propalado.

Em 1971, Israel resolveu pacificar Gaza: além de infligir aos palestinos a humilhação de serem não judeus em um Estado judeu, passaram a cometer desumanidades e violências diárias. O então Presidente dos EUA – Reagan, chegou a advertir Israel por seu comportamento brutal em Gaza.

O problema palestino sempre foi no fundo incômodo para todos os árabes, especialmente os do Oriente Médio, embora para a *união* árabe isso nunca fosse confessado. Na verdade, embora árabes, todos queriam enterrar o problema para aliviar tensões, inclusive com Israel, deixando-os entregues a si mesmos. Quando se reuniram os palestinos na Jordânia, entraram em choque com o Governo do Rei Hussein, sendo quase todos dizimados. No Líbano, foram fustigados por todos os lados. Agrupados sob a OLP, viram desenvolverem-se diversas facções extremistas²⁹, estimuladas pela então União Soviética, que se intrometia com intenções expansionistas no Oriente Médio, especialmente contra Israel, tudo complicando cada vez mais as negociações de paz.

²⁷ 9 de abril de 1948, antes portanto da criação do Estado de Israel, em 14 de maio desse ano.

²⁸ Outras eram a *Haganah* e a *Stern*.

²⁹ FPDP, FDPLP, *Setembro Negro*, *Abu Nidal*, *Amal*, *Hamas*, *Hizbollah*

Golda Meir, quando Primeira-Ministra de Israel (1968/72), chegou a pedir a intervenção da comunidade de nações para conter a forte presença de interesses soviéticos na área. Em 1971, Israel resolveu *pacificar* Gaza: além de infligir aos palestinos a humilhação de serem *não judeus* em um Estado judeu, passaram a cometer desumanidades e violências diárias. O então Presidente dos EUA - Reagan, chegou a advertir Israel por seu comportamento brutal em Gaza.

Decisões e acordos determinando a devolução de terras aos palestinos foram vários, nunca acatados por Israel, que as mantinha ocupadas *de fato*. Em reunião de 22 de novembro de 1974, a Assembléia Geral da ONU votou resolução autorizando os palestinos a *reaverem seus territórios, recuperando sua autodeterminação e independência*, no final sem conseqüências.

Com o advento de Binyamin Netanyahu, o *Bibi*, ao governo de Israel a situação, sob a aparência de convivência pacífica, agravou-se. Recusava-se *Bibi* a devolver terrenos histórica e legitimamente palestinos, em continuação ao que já era pregado pelo então Primeiro-Ministro Yitzak Shamir, do Likud, levando os partidos israelenses a firmarem um acordo em junho de 1990, em que o governo se comprometia a incentivar o assentamento de israelitas na Cisjordânia e na Faixa de Gaza.

O líder da OLP, Organização de Libertação da Palestina, *Haraket al Tahrir* Falastinía, e atual Autoridade Palestina - AP, *Palestine Authority*, Yasser Arafat, embora sofrendo ameaças de extremistas árabes por todos os lados, tem conseguido manter a unidade e a paciência em nego-

ciações com Israel e interveniência dos EUA, mas o Presidente Clinton revelou-se incapaz de conter o expansionismo absurdo de Netanyahu que, em nome da Defesa Nacional de Israel, negava *Acordo de Oslo* (1993). Em 13 de setembro de 1993, no entanto, no jardim da Casa Branca, apertaram-se as mãos Arafat e Rabin ratificando esse *Acordo* segundo o qual, entre outras cláusulas, ao longo dos próximos cinco anos se efetuará por etapas a evacuação integral dos territórios palestinos ocupados, tudo praticamente não resolvido.

Embora admitindo *Bibi* desocupar apenas mais 13,1% da Cisjordânia, estabeleceu condições absolutamente inaceitáveis, entre as quais a de que um quarto desse território fosse declarado *reserva natural* e que a liberação de autorização para construir residências palestinas continuaria da competência apenas das autoridades israelenses (!). Outras tentativas de acordo seguiram-se.

Em 4 de maio de 1994, foi assinado o *Acordo Gaza-Jericó*, através do qual Israel *permitiu* aos palestinos estabelecerem aí, em suas próprias terras, um governo autônomo, limitado porém a dois milhões de palestinos, comprometendo-se a retirar suas tropas da maior parte da Faixa de Gaza e de Jericó o que, praticamente não aconteceu. Nova tentativa ocorreu em 28 de setembro de 1995, quando foi assinado o *Acordo Oslo II*, mediante o qual os palestinos *ganham* o direito de auto-governo local em Belém, Jenin, Nablus, Ramallah, Tulkarm, Qalqilya, parte de Hebron e 450 aldeias, mantendo porém Israel seus assentamentos *de fato* nesses locais, patrulhados por seu Exército.

Com uma certa mudança no comportamento de Israel, foi assinado um Acordo, em 15 de janeiro de 1997, mediante o qual o governo de Netanyahu, que sempre se opôs à idéia da troca de *território por paz*, pretendeu ampliar a devolução de Hebron para 80%. Incluíram-se mais três devoluções de áreas ocupadas na Cisjordânia.

Em 23 de outubro de 1998, às instâncias de Clinton, com ele reuniram-se Arafat e *Bibi* em Wye Plantation, Maryland, próximo a Washington, para a devolução de mais 13% da Cisjordânia, com a condição de que os palestinos adotassem aí medidas de segurança. Assinale-se que *devolução* implica terras que nunca pertenceram a Israel.

Ariel (*Leão de Deus*) Sharon, o *Falcão*, Ministro do Exterior de Israel recém-nomeado em 9 de outubro, aí presente, recusou-se a apertar a mão de Arafat, como havia publicamente declarado. Isso deixou *Bibi* em situação embaraçosa, já que os israelenses lhe haviam dito que seria derrubado se fizesse quaisquer concessões aos palestinos. Pouco depois, sob a alegação de que os palestinos não cumpriram o convencionado, *Bibi* congelou o Acordo.

Em verdade, desde 7 de outubro Netanyahu já havia dito que iria continuar a implantar assentamentos residenciais israelenses na Cisjordânia. Como exemplo, com uma pequena implantação na Cisjordânia árabe, a que denominou *Colônia Ariel*, *Bibi* fez crescer a população para 17 mil habitantes. Com isso, o líder local, Ron Nachman, decidiu expan-

di-la para 30 mil, construindo mais 3 mil moradias para israelenses.

Não é de hoje a confortável posição do governo israelense quanto à questão palestina. Em 1973, o então Senador William Fulbright, declarava que *a maior parte do Senado dos EUA, cerca de 85%, acha-se à inteira disposição de Israel cumprir o que desejar*. Assinale-se ainda que Yitzak Shamir, ao formar o Gabinete mais extremista dos últimos tempos (junho de 1990), havia declarado incentivar a imigração de judeus da extinta URSS para as áreas árabes da Cisjordânia e Gaza.

Bibi já se havia negado a aceitar a proposta americana quanto à Cisjordânia, e chegou a solicitar a mediação de Tony Blair, Primeiro-Ministro inglês, dirigindo-se às comunidades judaico-americanas pedindo-lhes que pressionassem Clinton a conduzir-se pro-Israel nesse conflito, no que sempre obteve algum êxito.

Sharon foi diretamente responsável pela proliferação de colônias judaicas nos territórios árabes ocupados e por haver coordenado, em 1982, como Ministro da Defesa, a invasão do Líbano, determinando a penetração de suas tropas até Beirute, o que possibilitou a entrada da Falange Cristã libanesa nos campos de refugiados de Sabra e Chatilla³⁰, matando centenas de homens, mulheres e crianças. A operação no Líbano, ao todo, deixou 20 mil mortos.

Impusera Netanyahu, no entanto, mais exigências israelenses segundo sua concepção de Segurança Nacional: se um terrorista do *Hamas* matar um israelense, o país é considerado com a segurança nacional em perigo, embora os palestinos não disponham de qualquer força arma-

³⁰ Beirute Ocidental

da, nem possa efetivamente a AP controlar cada terrorista oculto.

Finalmente, após dramáticos nove dias de conversações diretas, com a presença contínua e inusitada de Clinton, afinal o grande beneficiário político, chegaram, a AP e Israel, a um acordo. Difícil seria saber se iria tratar-se de mais um *Acordo de Oslo*, ao sabor dos humores dos extremistas do Partido Likud.

É sempre importante lembrar que o velho sonho expansionista do Likud e de Netanyahu de reconstituírem o *Eretz Yisrael* bíblico continua hoje de pé, estendendo-se o ideal às duas margens do Jordão.

Foram os seguintes os quesitos do *Acordo de Wye Plantation*, assinado em 23 de outubro de 1998:

- Israel aceita retirar suas tropas de 13% da Cisjordânia em três etapas, num período de 12 semanas. O acordo prevê que os palestinos terão o controle de 40% da Cisjordânia e de 60% da Faixa de Gaza;

- a Autoridade Palestina aceita prender 30 dos 36 palestinos procurados por Israel. A CIA decidirá se as provas apresentadas contra os detidos justificam a prisão. Os palestinos confiscarão armas ilegais;

- um mês depois do início da retirada israelense, os palestinos apresentarão um plano de combate ao terrorismo;

- um comitê conjunto irá monitorar ações antiisraelenses em colégios e na mídia palestina;

- dois meses após o início da retirada israelense, o Conselho Central da OLP se reunirá para abolir, de sua carta, cláusulas que prevêem a destruição de Israel;

- um comitê conjunto estudará novas retiradas de tropas da Cisjordânia;

- Israel concordou em criar dois corredores entre a Faixa de Gaza e a Cisjordânia, para permitir a passagem segura de palestinos;

- o acordo reforça a proibição de serem tomadas decisões unilaterais, como a expansão dos assentamentos israelenses, o confisco de terras e a intenção palestina de declarar um Estado independente em 4 de maio de 1999;

- Israel aceitou libertar 750 dos três mil palestinos que mantém presos;

- os dois lados concordaram com a abertura de um aeroporto palestino na Faixa de Gaza;

- Israel *permitirá* (!) a abertura de um porto em Gaza;

- palestinos e israelenses começarão, a partir daí, discussões sobre o status final da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Nessas discussões, serão tratadas as questões de Jerusalém, que os dois querem como sua capital, de refugiados palestinos, de repartição do abastecimento de água e dos assentamentos em territórios ocupados. Assinale-se que, antes de 1967, a parte leste de Jerusalém integrava a Palestina Árabe na Cisjordânia.

Acrescente-se a isso a absurda exigência de Netanyahu sobre Clinton, com o que este teria concordado no momento de assinar o acordo, de reexaminar a libertação de um espião norte-americano-israelita, Jonathan Jay Pollard, ex-oficial da Marinha dos EUA, condenado à prisão perpétua em 1987 por ato de espionagem em favor de Israel, libertação já rejeitada por dois presidentes antes de Clinton.

Eleito em substituição a Netanyahu, Ehud Barak veio a assinar com Arafat, em

13 de novembro de 1999, um Acordo em Sharm-El-Sheikh, ao sul da Península do Sinai, território egípcio, para implementação de uma versão alterada do Acordo de Wye Plantation, já então fixando a data de 13 de setembro de 2000 como limite para um acordo final.

Fato recente abalou (não tanto) a imagem do governo israelense. Seu presidente, Ezer Weizman, aos 76 anos, após uma carreira política por todos os títulos respeitável, de 50 anos, às da aviação de combate na Segunda Grande Guerra e mais tarde Comandante da Força Aérea Israelense, foi acusado de haver recebido *de presente* de um empresário francês uma certa importância e, com isso, forçado a entregar sua carta de renúncia ao Presidente do Parlamento, Avraham Burg.

Era sobrinho de Chaim Weizman, um dos fundadores do Estado de Israel, em 1948, então aclamado como primeiro presidente do país.

Em mais uma tentativa de paz, Barak e Arafat reuniram-se em julho de 2000 em Camp David com o Presidente Clinton para discussão de vários itens ainda negados por Israel mas indispensáveis aos palestinos. Sob pressão da *direita* israelense, Barak, sob a ameaça de perda de apoio no Parlamento e manifestações em via pública de Tel Aviv, engrossadas por simpatizantes do Likud³¹, chegou a Camp David com dificuldade para negociar.

Vale acrescentar que isso foi complicado pelo surgimento de um outro problema para Israel, que havia vendido à China um sistema de sua fabricação, o de aviões-radar (*Phalcon*) e teve seu negócio

de um bilhão de dólares vetado pelos EUA, o que levou à assessoria de Barak a anunciar o cancelamento, como *um gesto de boa vontade* com o governo norte-americano, reforçando o *direito* de ingerência de Clinton não confessadamente em favor de Israel.

Durante as negociações, que duraram quase duas semanas sem resultado concreto, Netanyahu (do bloco Likud) apresentou-se em Tel Aviv como *Salvador de Israel*, declarando que Barak *não correspondeu às nossas expectativas nem as nossas esperanças*, voltando-se contra as *concessões* que Barak estaria fazendo em Camp David quanto ao *status* de Jerusalém.

Como era previsível, a nova tentativa de acordo em Camp David fracassou. Embora alguns temas tivessem evoluído positivamente, a séria questão da autonomia de Jerusalém Leste, onde os palestinos sempre tiveram expressiva maioria, integrando a então denominada *Palestina Árabe*, impediu que se chegasse a um acordo.

Outros pontos da maior e justa importância para os palestinos também não tiveram solução, como o direito de retorno de refugiados da guerra de 1948, impedidos de voltar às suas propriedades, e a retomada de todo o território definido pela ONU como palestino – e então *aceito* por Israel – tomado após a guerra de 1967 e *anexado* em 1981.

Os dois Chefes de Estado, Arafat e Barak retornam a seus países em situação delicada, com o Parlamento Israelense contrário a quaisquer concessões porven-

³¹ *Estamos aqui para dizer a Barak que ele não pode assinar qualquer coisa, ou Barak é perigoso para os judeus.*

tura feitas por *Barak* e *Arafat* na eventualidade de ter que controlar uma nova *Intifada* (reação popular palestina que durou de 1987 a 1993). A esse propósito, o Chefe do Estado-Maior de Israel, General *Saul Mofaz*, declarou que o Exército está preparado para fazer face a um confronto com os palestinos.

CONCLUSÃO

Em termos de *Oriente Médio*, é remota a possibilidade de chegar-se a uma conclusão definitiva. Sempre será uma caixa de surpresas capaz de chegar mesmo a, algum dia, desestabilizar o equilíbrio político mundial. Cada faixa de fronteira é área de tensão permanente e até certo ponto, por diversos motivos, imprevisível. Cada incidente, fronteiro ou não, pode gerar conflagração. Há pouco, o Irã anunciou haver fabricado um novo míssil (*Shahab-3*) capaz de conduzir uma ogiva nuclear, com o alcance útil de 1.300 km, o que significa uma ameaça a Israel. Esse país, no entanto, declarou não estar preocupado com isso, com declaração do tipo *eles não perdem por esperar* o que virá em consequência.

Embora a insistência da intromissão *soviética* na região tenha aparentemente cessado, a política da *Mãe Rússia* para essa área não se tem modificado desde *Nicolau II*, e se manifestará sempre contrária à presença, hoje marcante, dos EUA.

Se os árabes condescenderam em aceitar a presença, no acordo, do Rei *Hussein*, da Jordânia, falecido em consequência de um linfoma, não significou isso que as antigas ligações da Jordânia com Israel em busca de uma paz perma-

nente passassem a ser vistas com bons olhos pelos extremistas islâmicos. De outra parte, os extremistas israelenses estavam certos de que *Clinton* iria indultar *Pollard*, tão logo se assinasse o acordo. Isso levou-os a forçar um voto de confiança ao *knesset* (Parlamento) de Israel, do que *Netanyahu* acabara saindo vitorioso pela diferença de um voto!

É fácil imaginar as dificuldades que se opuseram à implementação daquele acordo que, desde logo, limitou as zonas palestinas soberanas, em um estágio último de concessão, em 40% do total da *Cisjordânia árabe*. Por quê?

Com a recente preliminar de nova crise, após o fracasso em *Camp David*, e o chefe da *El Fatah* declarando que os palestinos continuam decididos a proclamar a independência do Estado palestino em 13 de setembro próximo (2000). Quando virá afinal a Palestina a constituir-se em Estado soberano, com fronteiras definidas, integrando as Nações Unidas?

A propósito, o Conselho Nacional Palestino já havia declarado sua independência, reunido na Tunísia, sob *Arafat*, em 15 de novembro de 1988. Mas isso não significou autonomia internacionalmente reconhecida, embora a ONU tenha aceitado, não como Estado.

No todo, o Oriente Médio continua politicamente instável.

Há pouco tempo o Primeiro-Ministro do *Paquistão*, *Nawaz Sharif*, convocou o Parlamento em nome do *Islã* (que tem justificado muito extremismo) para assumir a posição de ditador, enviando seu chefe de Estado-Maior à Ucrânia para negociar novas compras de material bélico, em acréscimo às que o país já havia acu-

mulado com ajuda russa. Tudo, afinal, visando a ter condições de apoiar o Taleban afegão contra o Irã.

De outra parte, a *Turquia*, em sua posição estratégica *sobre a saída do Mar Negro*, havia dado um *último aviso* à Síria de Hafez Assad (hoje falecido e substituído por seu filho) que vinha apoiando o PKK, Partido dos Trabalhadores Curdos, dizendo-lhe que *pare com o apoio ao separatismo terrorista e com suas políticas de hostilidade*.

A conseqüência imediata foi a *concentração de tropas* de ambos os países na fronteira, em que se incluíram baterias de mísseis sírios e dez mil soldados turcos. Acrescente-se a isso a *disputa sobre as águas do Rio Eufrates*, que nasce na Turquia. A Síria acusa o Governo de Ancara de ter reduzido o fluxo do Eufrates com a construção de diques e hidrelétricas. Em tudo isso assegura a Turquia que *se a diplomacia falhar, os militares serão chamados para resolver o problema*. ●



Diretoria de Assuntos Culturais



Forte de Copacabana

Praça Coronel Eugênio Franco, Nº 1
Copacabana – Posto 6 – CEP 22070-020
Tels.: 2522-4460 e 2521-1032
Fax: 2522-6263
Visitação: de 3ª-feira a Domingo,
das 10h às 16h
Ingresso: R\$ 3,00